

## GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL - QUESTÕES QUE EMERGEM NO COTIDIANO ESCOLAR

Cíntia Ramos de Pinho Barreto Magalhães Vieira <sup>1</sup>  
Rogério da Costa Neves <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo investiga as relações de gênero no segmento da Educação Infantil, dentro de uma instituição pública do Rio de Janeiro. Temos como objetivo para esse trabalho analisar as relações de corpo e gênero nesta etapa da Educação Básica a partir do que emerge dos cotidianos escolares. Será a escola um ambiente onde haja reprodução e repressão desses corpos? Como conversar com as servidoras e servidores para que possam identificar e atuar sobre as questões que emergem nos cotidianos escolares? A pesquisa será feita com as servidoras e servidores que atuam no Centro de Referência em Educação Infantil de Realengo do Colégio Pedro II. Teremos como metodologia a Design Based Research (DBR), onde a flexibilização e a visão paradigmática são pontos importantes para as análises que serão feitas no estudo. Faremos um minicurso de extensão oferecido às servidoras e servidores do CREIR de formato híbrido (on-line e presencial). O curso já está estruturado e aplicaremos um questionário inicial para compreendermos como estas servidoras e servidores observam seus cotidianos escolares e o que pensam sobre essa temática inicialmente. Esperamos que a partir deste diálogo, elas e eles possam ter condições de intervir no processo pedagógico com olhares desconstruídos sobre gênero e, com isso, contribuir para efetivas modificações sociais na escola e, sobretudo, na sociedade.

**Palavras-chave:** Corpo, Gênero, Educação Infantil.

### INTRODUÇÃO

Os processos educativos sempre estiveram atrelados em punir, vigiar, modelar, controlar e construir os corpos de mulheres, homens, meninas e meninos. O corpo é alvo de muita atenção, não uma atenção preocupada com o todo social, mas uma preocupação em querer que ele transmita e reproduza valores, que são impostos pela sociedade. E o ambiente escolar é um

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II - RJ, [cynthiaufrj@hotmail.com](mailto:cinthiaufrj@hotmail.com);

<sup>2</sup> Professor Orientador: Doutor em Educação, Colégio Pedro II – CPII/RJ, [rogerio.neves.1@cp2.edu.br](mailto:rogerio.neves.1@cp2.edu.br)

local em que a reprodução e a repressão desses corpos acontecem a todo momento. As questões de corpo e gênero emergem em muitos momentos no/do cotidiano escolar em todas as instituições educacionais, sobretudo no segmento da Educação Infantil. Entendemos que na Educação Infantil as relações entre adultos e crianças transbordam situações da vida cotidiana, em que os sentimentos, as vivências e as práticas delas são trazidas à tona em diferentes situações. Percebemos que essas questões são, muitas vezes, negadas na sociedade e na escola, emergindo das falas e dos corpos das crianças em diversos momentos.

A partir das questões iniciais anteriores, começamos a nos indagar sobre os desafios que enfrentamos cotidianamente, diariamente, em cada momento de aula em que nos deparamos com um grupo de crianças em diferentes contextos educacionais. As falas e as ações que se manifestam necessitam, muitas das vezes, de intervenções rápidas e efetivas, pois as falas e atitudes impregnadas de cuidado são possibilidades de efetiva modificação social.

Vivemos numa sociedade extremamente opressora, percebemos isso quando vemos que a partir do nascimento de uma criança em nossa sociedade, a família já começa a diferenciá-la sexualmente através de roupas, cores, brinquedos e objetos. Os pais/responsáveis sutilmente se encarregam de ir impondo, durante a infância, as diferenças entre meninos e meninas e a sociedade trata de acentuá-las mediante elementos externos. As experiências no bojo da cultura em que vive e que se estabelece, levam a criança a perceber que ela, muitas das vezes, precisa esconder quem ela é, reprimir suas vontades e seus quereres, entrelaçados em seus brinquedos e brincadeiras.

Os processos culturais são atrelados a um projeto de sociedade que visa uma constante manutenção, temos dificuldades em quebrar estereótipos e hipocrisias. A sociedade ainda demarca os papéis sexuais de forma rígida e estereotipada. O tabu, que pesa sobre os comportamentos de meninas e seus brincares, por exemplo, tem muito a ver com o papel de subordinação que a sociedade estabelece para o sexo feminino. Os padrões de comportamento são questionados pelas gerações mais jovens, mas pais/responsáveis e educadores nem sempre se dão conta de que continuam a perpetuar os velhos padrões de comportamento destinados socialmente a meninos e meninas.

Nos processos de reconhecimento das identidades inscrevem-se as diferenças, ou seja, marcam-se os “outros” sujeitos, que são nomeados a partir da referência colocada ao masculino e ao feminino, Silva afirma que : "a força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade"

Segundo Silva (2000) tanto a identidade quanto a diferença são construções produzidas no contexto das relações sociais e culturais e, portanto, sujeitas a relações de poder. Para o autor, podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir ("estes pertencem, aqueles não"); demarcar fronteiras ("nós e eles"); classificar ("bons e maus"; "puros e impuros"; "racionais e irracionais"); normalizar (normais;/anormais").

Este torna-se alvo de normas traçadas pelos adultos - os familiares, os(as) educadores(as), os(as) médicos(as), os(as) psicólogos(as), os(as) orientadores(as) - que determinarão como tratá-lo, educá-lo e puni-lo através do alcance da obediência e da docilidade, enquadrando-o no instituído em relação à sexualidade. Enfim, trata-se de uma tentativa de produzir um indivíduo cujas manifestações do sexo, do prazer e da curiosidade em relação ao corpo não "fujam" ao normatizado pelas regras hegemônicas.

**A partir desses movimentos, tanto no Brasil, quanto no exterior, surge a necessidade de pensar práticas educativas não sexistas, ou seja, pensar em uma educação em que meninos e meninas tenham direitos iguais, incluindo o direito de escolher os brinquedos e objetos que querem utilizar roupas, modos de ser e comportar.**

Neste artigo analisamos as pedagogias escolares utilizadas por algumas professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental para tratar das questões referentes à sexualidade nas suas salas de aula. Dessa forma, damos prosseguimento aos estudos que estamos realizando, nos quais buscamos ver e entender como a sexualidade das crianças tem sido falada/tratada nas práticas de sala de aula das séries iniciais.

É no cotidiano escolar que percebemos alguns problemas, apelidos maldosos e brincadeiras embaraçosas, são exemplos de situações humilhantes que levam muitos estudantes a determinados estigmas referentes ao seu corpo. Estas atitudes marcam os estudantes de tal forma que faz com que muitos deles passem a se comportar de maneira indiferente ao seu corpo e perante a sociedade.

Os problemas educacionais interferem em dimensões fundamentais da vida humana, percebemos que os problemas referentes ao corpo dificultam ainda mais esses problemas. O

olhar sobre o ele, nos permite entendê-lo como um corpo dotado de história e cultura, onde neste processo a educação teve e tem um papel importante na sua história. Ao logo do processo escolar, os corpos foram e ainda são moldados para caberem no espaço e forma impostos pelo espaço escolar, onde os objetivos estão atrelados a um modelo de sociedade.

Outra questão aponta para a existência de uma cultura escolar em que, para os assuntos a serem tratados naquele espaço, devem ser transformados em conteúdos escolares ou, ainda, ser ou estar incluídos nos programas escolares; em caso contrário, eles não precisam ser

“dados”, “falados”, o que implica um silenciamento em torno das perguntas, conhecimentos e saberes dos alunos. Esse silêncio talvez atue como uma estratégia para aquelas perguntas que se tornam “difíceis” ou “perigosas” de responder, especialmente se não autorizadas pelas normas que regem a educação escolar.

Para Silva (2000), este é um "conceito central nos Estudos Culturais de inspiração pós-estruturalista, na medida em que a cultura é concebida essencialmente como um campo de luta em torno da produção de significados" que, ao construir conhecimentos, desejos, valores, se encontram implicadas na constituição das identidades/subjetividades.

para Silva (1999), diferentes instâncias e práticas culturais encontram-se implicadas na produção de significados, que, ao inscreverem nos corpos gestos, atitudes, valores, prazeres e desejos, fabricam as pessoas. Para o autor, na teorização curricular, a cultura possibilita uma aproximação entre os conhecimentos acadêmico e escolar e os conhecimentos do cotidiano e da cultura de massa, pois “sob a ótica dos Estudos Culturais todo conhecimento, na medida em que se constitui em um sistema de significação, é cultural. Além disso, como sistema de significação, todo o conhecimento está estreitamente vinculado com relações de poder”.

Nesse sentido, as práticas culturais - pedagogias - que ensinam tipos de pensamento e de ações em relação a si, aos outros e ao mundo não se limitam às instituições escolar e

acadêmica e às práticas aí instituídas, mas se estendem a diferentes práticas - as midiáticas, as sexuais, as escolares, as familiares, etc. - que, ao produzir e compartilhar determinados significados ensinam, configurando tipos particulares de identidades e de subjetividades.

Para Foucault (1997), a sexualidade é um dispositivo histórico:

"não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder"

Louro (1997) chama a atenção para o fato de a escola ensinar apenas uma forma de sexualidade, a “normal”, e construir seus discursos e argumentações em "pares opostos: masculino/feminino; heterossexual/homossexual; normal/anormal; saudável/doente; público/privado; decente/indecente; moral/imoral. Nesses conjuntos, a primazia é dada ao primeiro elemento do par, o qual constitui a referência e o padrão e do qual o outro elemento é derivado”.

Como afirma Louro (1999, p. 25 e 26): “a escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ação várias tecnologias de governo. Esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno exercidas pelos sujeitos sobre si próprios, havendo um investimento continuado e produtivo desses sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero.

Devemos pensar num currículo e para Silva (1996), o currículo formula formas de melhor organizar experiências de conhecimento dirigidas à produção de formas particulares de subjetividade. Ao corporificar determinadas narrativas sobre o indivíduo e a sociedade, o currículo nos constitui como sujeitos. O currículo não pode ser visto simplesmente como um espaço de transmissão de conhecimentos. O currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz.

Dessa maneira, ao pensar em currículo e no Projeto Político Pedagógico de cada escola, muitos educadores recorrem ao que tange nacionalmente para falar sobre esse assunto: os Temas Transversais que estão inclusos nos Parâmetros Curriculares Nacionais no eixo de Orientação Sexual.

No próximo capítulo visualizaremos esta questão e como esta temática esta atrelada a disciplina Educação Física.

Dessa forma, como as reflexões sobre a prática e sobre as questões de gênero e corpo, podem levar a uma reflexão e ação na prática? Os educadores estarão prontos para atuar sobre o que emergir de desafios no cotidiano escolar? É possível que a escola venha se debruçar sobre essas questões e consiga debater com servidores e servidoras incluindo essa temática nos projetos? Essas são perguntas que nos motivaram a mergulhar nessa pesquisa. Com isso, conseguimos organizar todos esses questionamentos em um grande problema desse estudo: que possíveis desdobramentos um minicurso para docentes que atuam na educação infantil, que trate sobre as questões de gênero em sala de aula no ambiente escolar, pode assumir no trabalho docente do CREIR?

A introdução deverá conter resumo teórico sobre o tema, apresentação da pesquisa, justificativa implícita, objetivos, síntese metodológica e resumo das discussões e resultados da pesquisa, além de apresentar uma síntese conclusiva acerca do trabalho desenvolvido.

Em todo o arquivo utilizar fonte **Times New Roman**, tamanho **12**, com exceção do título que deve apresentar fonte negrito, tamanho 14, com letras maiúsculas, alinhamento centralizado. Inserir, em nota de rodapé, tamanho 10, quando o artigo for resultado de projeto de pesquisa, ensino ou extensão ou, quando houver financiamento, indicar o órgão de fomento.

O Artigo deverá conter no **mínimo 08 e no máximo 12 páginas (não numeradas)**, tamanho 12, utilizando formato A4, margens superior/esquerda 3,0 cm e inferior/direita 2,0 cm, parágrafo 1,25 cm (ou através da tecla TAB uma vez) com espaçamento entre linhas 1,5 cm, contendo **Introdução** (justificativa implícita, e, objetivos), **Metodologia**, **Referencial teórico** (pode vir anexo à introdução), **Resultados e Discussão** (podendo inserir tabelas, gráficos ou figuras), **Considerações Finais**, **Agradecimentos** (opcional) e **Referências** de acordo com a ABNT.

Formato: o arquivo deverá ser anexado no formato **PDF**, com tamanho máximo de 2MB. O uso do papel timbrado da edição atual do evento é obrigatório. O modelo é disponibilizado no site do evento para download.

## **METODOLOGIA**

A metodologia do artigo deverá apresentar os caminhos metodológicos e uso de ferramentas, técnicas de pesquisa e de instrumentos para coleta de dados, informar, quando for pertinente, sobre a aprovação em comissões de ética ou equivalente, e, sobre o direito de uso de imagens.

Teremos como metodologia a Design Based Research (DBR), onde a flexibilização e a visão paradigmática são pontos importantes para as análises que serão feitas no estudo. Uma prática à teoria, sendo teoricamente orientada, intervencionista, colaborativa, fundamentalmente responsiva e interativa. Dessa forma, juntos, pesquisador e colaboradores identificarão juntos o(s) problema(s) e após estudos e discussões, no caso desta pesquisa, através do minicurso, encontraremos possíveis soluções relacionadas à prática e encontraremos possibilidades de intervenções no cotidiano escolar. Ela pode ser ainda reutilizada, reaplicada e reanalisada.

Faremos um minicurso de extensão oferecido às servidoras e servidores do CREIR de formato híbrido (on-line e presencial). O curso já está estruturado e aplicaremos um questionário inicial para compreendermos como estas servidoras e servidores observam seus cotidianos escolares e o que pensam sobre essa temática **inicialmente**.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da pesquisa contém as principais discussões teóricas e a trajetória da mesma ao longo do recorte do tema estudado. Ele serve para situar o leitor quanto à linha de raciocínio que o autor seguiu na construção de seu artigo. **Poderá vir nesta área ou anexo à introdução.**

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos Resultados, deverá constar a esquematização dos dados encontrados, na forma de categorias analíticas e sistematização dos achados empíricos.

Nesta sessão poderão ocorrer o uso de gráficos, tabelas e quadros, atentando para a utilização e identificação segundo as normas da ABNT.

As discussões (análises) geradas a partir dos resultados deverão ser criativas, inovadoras e éticas, de maneira a corroborar com as instruções de pesquisa científicas do país. Levando em consideração a referência a autores e teorias, bem como referenciando os resultados encontrados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como dialogos com as análises referidas ao longo do resumo.

## AGRADECIMENTOS (Opcional)

## REFERÊNCIAS

Deverão apresentar apenas as referências utilizadas no texto. As referências, com todos os dados da obra citada, devem seguir as normas atuais e em vigor da ABNT.

Ao fazer citação direta no texto o(a) autor(a) deve indicar, entre parênteses, logo depois da referida citação, o nome do(a) autor(a) em letra maiúscula, o ano da publicação e a página em que se encontra a citação. Para citações com mais de três linhas, utilizar recuo de 4 cm, espaçamento simples (1,0) e fonte tamanho 10. Nas referências colocar as informações completas das obras.

### EXEMPLOS:

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

BAPTISTA, C. R. *et al.* Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: **06 fev. 2020**.





**IMPORTANTE:**

**Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.**

**Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.**